

Este boletim é uma publicação da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização – CNseg.

ENTREVISTA

Reforma da Previdência contribui para formar a consciência de que é preciso poupar

Edson Franco

Presidente da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (FenaPrevi)

Em meio à forte crise econômica, o segmento de previdência privada e vida cresceu, em termos nominais, 15,4% em 2016, com destaque para seguro individual (27,4%) e VGBL (21,9%). O presidente da FenaPrevi, Edson Franco, fala ao boletim Carta do Seguro sobre as perspectivas para 2017.

1. Como o cenário de baixo crescimento estimado para este ano afeta o segmento de previdência privada e vida?

Ainda que o setor de seguros tenha mostrado resiliência na crise, não há segmento que possa crescer num contexto em que o país não cresça. O que temos visto são vários sinais indicando que já começou uma recuperação. Creio que vamos viver dois momentos bem diferentes: o Brasil do primeiro semestre e o do segundo semestre, quando haverá sinais mais evidentes da recuperação. Para o nosso segmento, não temos uma expectativa fechada. Como deve haver a retomada da economia a partir do segundo semestre, espero para os produtos de acumulação uma alta similar à de 2016 (19,5%). Entre os produtos de vida, o vida em grupo deve começar a melhorar à medida que haja melhora no nível de emprego. Então espero um desempenho melhor que o de 2016 (3,6%) nos produtos de risco e similar ao de 2016 nos de acumulação.

2. Que impacto a reforma da Previdência pode trazer para o segmento?

O segmento de acumulação é relativamente jovem no Brasil. Qualquer segmento de acumulação de poupança de longo prazo dependia de um processo de estabilização monetária e econômica para poder crescer, e isso só veio com o Plano Real. Por isso, é um segmento que cresce muito acima da inflação – na previdência privada já estamos chegando a reservas de R\$ 650 bilhões. A discussão da reforma contribui para a formação de consciência de que o Estado, sozinho, não vai conseguir prover toda a necessidade do indivíduo na aposentadoria. As pessoas começam a entender que precisam formar sua própria poupança. Então, é natural que esse segmento continue crescendo.

3. O VGBL cresceu 21,9% em 2016; o seguro individual, 27,4%. Essa expansão continua?

VGBL e PGBL são os produtos que melhor acolhem os investimentos de longo prazo. Na medida em que as pessoas vão continuar precisando complementar a renda, esperamos que eles continuem em 2017 se expandindo acima da inflação, porque é um segmento ainda em processo de formação e de acumulação. Já o ramo de seguro de vida individual é um dos que mais têm crescido, junto com outros, como seguro viagem e seguro de auxílio funeral. Eles crescem num ritmo muito mais forte porque a base ainda é muito pequena. Um produto que está no forno, que é o Universal Life, os produtos de seguro individual, os dotais, os de auxílio funeral, todos esses têm ainda pela frente um caminho de expansão bastante acelerado.

EDITORIAL

Marcio Serôa de Araujo Coriolano
Presidente da CNseg



2016 não foi brilhante, mas positivo

Conforme as previsões da CNseg, o ano de 2016 não foi brilhante para o mercado de seguros, embora quase tivesse repetido o crescimento nominal de 2015: 9,2% contra 10,3% (havíamos estimado uma expansão entre 8% e 10% no ano passado). O volume total arrecadado chegou a R\$ 239,3 bilhões, valor referente ao desempenho das carteiras de seguros gerais, vida, previdência complementar aberta e capitalização.

Novamente, como observado em 2015, pesaram favoravelmente os planos de previdência VGBL (expansão de 21,9%), o seguro de vida individual (27,4%) e os ramos rural (11,3%), crédito e garantia (15%) e habitacional (10,9%). A nota destoante foi o seguro de automóveis, amargando retração de 2,4%. Outros destaques negativos foram riscos de engenharia (-23%), seguro de garantia estendida (-9,3%), planos tradicionais de risco (-6,2%) e capitalização (-2%).

Houve crescimento expressivo no volume de indenizações, benefícios, resgates e sorteios pagos pelos segmentos regulados pela Susep, que alcançou a cifra de R\$ 121,6 bilhões. As reservas técnicas cresceram 19,3%, atingindo o expressivo patamar de R\$ 785 bilhões.

Para este ano de 2017, estimamos uma evolução positiva do mercado entre 9% e 11%. Afinal, o setor sempre responde positivamente às políticas públicas que venham a contribuir para o restabelecimento do cenário macroeconômico brasileiro.

Nesta edição, além da sempre acurada análise de Lauro Faria, brindamos os leitores com uma entrevista do presidente da FenaPrevi - a Federação de vida e previdência, Edson Franco. Afinal, todas as maiores expectativas estarão voltadas para as oportunidades desse segmento, na esteira da urgente reforma da Previdência pública e do produto Vida Universal.

Boa leitura!

por Lauro Faria

Economista da Escola Nacional de Seguros

Em 2016, o mercado de seguros regulado pela SUSEP teve um faturamento de R\$ 239,3 bilhões, 9,2% acima do ocorrido em 2015. Descontada a inflação (IPCA), a variação foi positiva em 2,8%, um excelente resultado dada a situação recessiva em que vive o país. Como porcentagem do PIB, a arrecadação de seguros privados regulados pela SUSEP também subiu, de 3,7% em 2015 para estimados 3,8% em 2016. Quanto ao setor de saúde suplementar, o órgão regulador (a ANS) ainda não publicou os dados de fechamento de 2016, mas a receita de contraprestações às operadoras de saúde no período de janeiro a setembro desse ano atingiu R\$ 120,7 bilhões, com alta nominal de 12,2% sobre igual período de 2015.

Como já assinalado anteriormente, o resultado global positivo na área da SUSEP foi fortemente influenciado pelo acréscimo da arrecadação de produtos de um único grupo: coberturas de pessoas – planos de acumulação cujas contribuições cresceram 19,5% (12,4% em termos reais). Os demais foram fortemente impactados pela recessão: os prêmios diretos das coberturas de pessoas – planos de risco subiram apenas 3,6% em termos nominais (portanto, queda real de 2,5%) e os prêmios diretos dos ramos elementares, 1,2% (queda real de 4,8%). Os aportes aos planos de capitalização, por sua vez, caíram 2,0% em 2016 frente a 2015, uma queda real de 7,8%.

A sinistralidade dos produtos de risco regulados pela SUSEP recuou de 49,2% em 2015 para 46,4% em 2016, contribuindo para melhorar amenizar os efeitos da contração econômica sobre os balanços das seguradoras. O resultado foi diferente entre os dois grandes grupos de seguros: para as coberturas de pessoas – planos de risco, a variável aumentou de 28,5% para 29,1% no período citado, enquanto para os ramos elementares caiu de 59,3% para 55,2%. No agregado das seguradoras reguladas pela SUSEP, desconsiderando as entidades abertas de previdência complementar e as sociedades de capitalização, deve-se destacar também o fraco desempenho dos resultados financeiros e patrimoniais, que tiveram em 2016 variações nominais de +4,3% e -13,7%, respectivamente (-1,9% e -18,8%, em termos reais) sobre o verificado em 2015. Assim, mesmo com o controle da sinistralidade e das demais despesas, o lucro líquido global das seguradoras caiu de R\$ 19,8 bilhões em 2015 para R\$ 17,5 bilhões em 2016 (variação nominal de -11,6% e real de -16,8%). A lucratividade, entretanto, se manteve positiva e elevada: a rentabilidade do patrimônio líquido ("return on equity") foi de 22,4% em 2016, novamente um excelente resultado dadas as circunstâncias.

Segundo dados da SUSEP, a sinistralidade do ramo de seguros de automóveis no Brasil teve um acréscimo absoluto de 5%. Não surpreende, portanto, a reação das seguradoras e a percepção dos segurados de que houve acréscimo nos prêmios nessas regiões. No Rio de Janeiro, por exemplo, do modelo de veículo, estima-se que os prêmios tenham subido até 20% entre 2015 e 2016. No caso do estado do Rio de Janeiro, segundo dados Instituto de Segurança Pública (ISP/RJ), a quantidade de roubo de veículos cresceu 34% entre 2015 e 2016. E não apenas isto: o total de roubos aumentou 41% e o de homicídios, 20%.

A Lei dos Desmanches (Lei 12.977/2014), que propõe a regulamentação dos chamados "ferros-velhos", ajudaria certamente na redução de roubo de veículos para desmonte. A Lei determina que os Detrans estaduais controlem o comércio de autopeças e gerenciem o credenciamento de empresas habilitadas. Exige que o estabelecimento que compra o veículo para desmanche emita nota fiscal de entrada e peça baixa do registro do veículo. Após a desmontagem do veículo, as peças devem ser registradas. O pleno funcionamento da lei viabilizaria também o recém-regulamentado seguro de carros populares devido à possibilidade de reaproveitamento nos consertos de peças usadas, porém certificadas. O reflexo seriam apólices mais baratas e acessíveis, beneficiando milhões de donos desse tipo de automóvel no país.

A Lei, entretanto, supõe severa fiscalização dos desmanches e punição dos envolvidos em ilegalidades, o que infelizmente ainda não acontece na escala necessária. Muitos ferros-velhos continuam irregulares ou ilegais seja por operarem com veículos roubados ou por funcionarem sem o completo respeito às novas determinações legais. De qualquer modo, esses dados demonstram mais uma vez a importância do seguro. Na atual situação de insegurança pública, vale muito mais ser precavido do que desatento. O prêmio de seguro, ainda que majorado pelo acréscimo do risco, é um preço barato a pagar, pois evita o risco de perda de dezenas de milhares de reais do veículo roubado ou furtado e que dificilmente será encontrado e devolvido intacto ao seu dono.

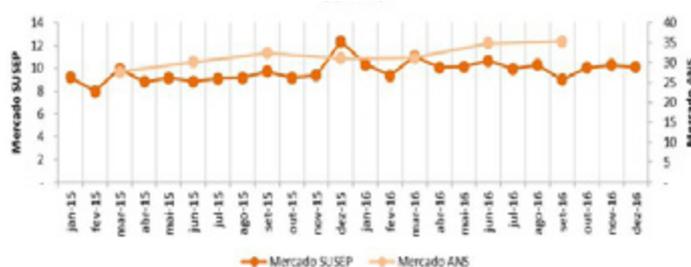
ARRECADAÇÃO

R\$ bilhões



SINISTROS, INDENIZAÇÕES, SORTEIOS, RESGATES E BENEFÍCIOS

R\$ bilhões



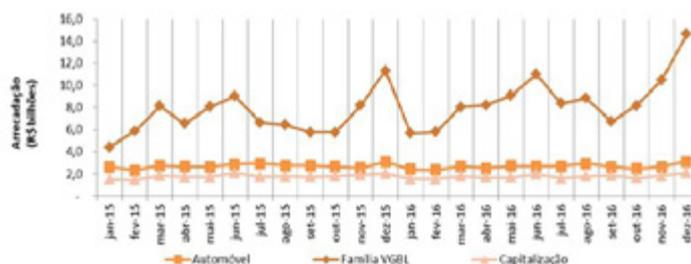
DESEMPENHO DO MERCADO

PENETRAÇÃO DA ARRECADAÇÃO NO PIB



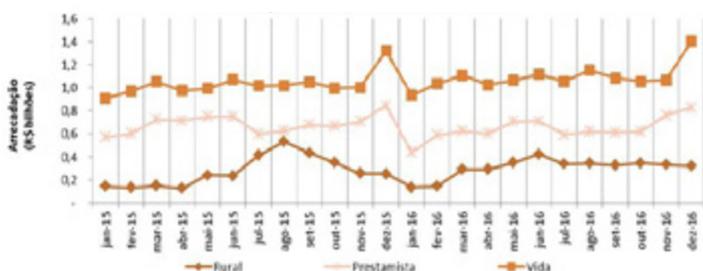
DESTAQUE: AUTOMÓVEL, FAMÍLIA VGBL E CAPITALIZAÇÃO

R\$ bilhões



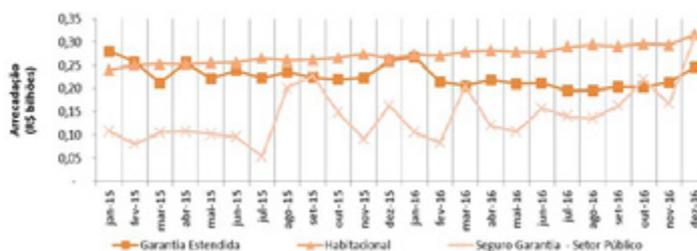
DESTAQUE: RURAL, PRESTAMISTA E VIDA

R\$ bilhões

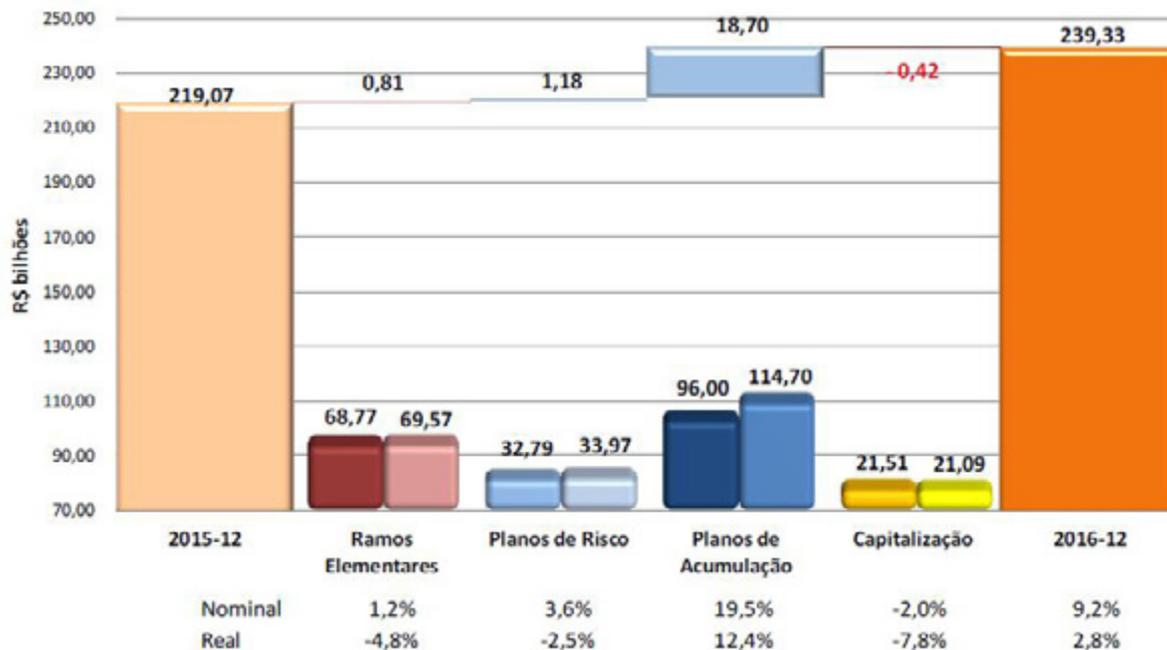


DESTAQUE: GARANTIA ESTENDIDA, HABITACIONAL E SEGURO-GARANTIA (SETOR PÚBLICO)

R\$ bilhões



FAMÍLIA AGREGADA AUTO E RE + FAMÍLIA AGREGADA PLANOS DE RISCO + FAMÍLIA AGREGADA PLANOS DE ACUMULAÇÃO + CAPITALIZAÇÃO



Fonte: Superintendência de Estudos e Projetos (SUESP) da CNseg

Acesse. Ouça.
Compartilhe. Curta.

RádioCNseg
radio.cnseg.org.br

